

A COESÃO LEXICAL NO CONTO *LE HORLA* E EM SUA TRADUÇÃO

Claudia Maria Xatara
Universidade Estadual Paulista/ São José do Rio Preto
xatara@lem.ibilce.unesp.br

Resumo: Este artigo apresenta um exercício de análise das marcas lexicais que conferem coesão aos enunciados do conto *Le Horla*, de Guy de Maupassant, e observe como essa coesão foi percebida na tradução *O Horla*, com o objetivo de verificar a competência textual da recepção e da reprodução, sempre em jogo no processo tradutório.

Palavras-chave: coesão lexical, tradução, competência textual.

Abstract: This paper proposes to analyse lexical marks which grant cohesion to the phrases of the story *Le Horla*, by Guy de Maupassant, and to observe how this cohesion was felt in the translation *O Horla*, in order to verify the reception and of the reproduction textual competence, always at stake in the translation process.

Keywords: lexical cohesion, translation, textual competence.

Introdução

Esboçamos neste trabalho um exercício de análise de um dos fatores que conferem a textualidade para uma seqüência de enunciados. Refiro-nos às ‘marcas lexicais’ do fator *coesão*, esta entendida aqui como uma manifestação de marcas textuais de qualidade sintático-semântica (HALLIDAY e HASAN, 1976). Não trataremos, portanto, de marcas conceptuais verificadas no nível lógico, ou seja, não serão enfocadas as relações que dão coerência ao texto.

A proposta é analisar a coesão lexical no conto *Le Horla* (Maupassant, 1903) e como essa coesão foi percebida na tradução *O Horla* (Maupassant, 1986), pois é sobretudo na tradução que está em jogo a competência textual da recepção de da re-produção (Neis, 1981).

Cabe ressaltar desde já que o enfoque pretendido procurará ser pertinente para estudiosos da língua francesa, da área de tradução e para os que se interessam especialmente pelas implicações do léxico.

1. Coesão lexical: pressupostos teóricos

Quanto às definições de coesão lexical, gostaria de considerar que não há consenso entre alguns dos lingüistas estudados.

De modo geral, pode-se concordar com Mateus (1983) para quem:

a coesão lexical é um processo de coesão que opera por contigüidade semântica, isto é, as expressões lingüísticas que entram numa relação de coesão caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos (total ou parcialmente) idênticos ou opostos (p. 145).

Assim, entre duas unidades lexicais (UL = palavra ou conjunto de palavras), devem ser consideradas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia. Vejamos rapidamente os conceitos de cada uma delas. Sinonímia define-se por uma maior presença de traços idênticos (identidade conceitual segundo van Dijk, 1992) e a antonímia, por traços semânticos opostos. A parassinonímia, por sua vez, consiste em expressões que reformulam uma idéia, na tentativa de fazer com que esta seja melhor compreendida. A hiperonímia ou a hiponímia se dão entre proposições subseqüentes: hiperonímia quando a primeira UL tem

um sentido mais genérico que uma segunda UL, de sentido mais específico, e hiponímia quando ocorre o inverso. A título de exemplo, “felino” em relação a “gato” é hiperônimo, mas em relação a “mamífero” é hipônimo.

Mateus (1983), então, reagrupa as quatro relações acima como fatores da substituição, um dos mecanismos da coesão lexical. O outro mecanismo é a reiteração.

Para Fávero (1991), já é justamente a reiteração que se obtém por essas quatro relações, sendo que a substituição se dá quando um elemento é retomado ou precedido por uma pro-forma.

Ainda uma outra classificação é apresentada por Kock (1990): as quatro relações acima também para ela fazem parte da reiteração, mas ela não fala em substituição, concordando com Brown e Yule (1983), pois esses afirmam que se os itens referenciais fossem vistos como simples substitutos do referente, eles poderiam ser sempre trocados por ele, o que não corresponde à verdade. Kock, então, não diferencia referência e substituição, como faz Halliday e Hasan (1976).

Além disso, Fávero (1991) e Kock (1990) incluem o uso de nomes genéricos dentre os fatores da reiteração. Consideram que os nomes com *a gente, a pessoa, a coisa, o negócio* etc (determinante mais nome geral) funcionam, gramaticalmente falando, como itens de referência anafórica e, lexicalmente, são membros superordenados (hiperônimos) agindo como sinônimos das ULs a eles subordinadas (hipônimos). Outros linguistas, porém, classificam os nomes genéricos como um dos elementos de coesão gramatical.

Fávero e Kock questionam também se a coesão lexical constitui de fato um mecanismo independente, pois a reiteração assinala que a informação já é conhecida (dada) e mantida, constituindo uma das formas de remissão a elementos do mundo textual. E isso significa que sinônimos, antônimos, hipônimos, hiperônimos, nomes genéricos e ULs pertencentes por contigüidade a um mesmo campo de significação têm, num texto, a mesma função coesiva das pro-formas, ou seja, a de estabelecer relações com um referente. A única diferença: não são pro-formas, mas ULs.

Para este trabalho, consideramos que a coesão lexical de um texto pode ser verificada a partir de toda UL ou grupo de ULs, que faça referência, por remissão ou contigüidade, a uma outra unidade anteriormente expressa no texto. O que importa evidenciar, parece-nos, é o papel que o léxico pode desempenhar para ajudar a tornar um texto coeso e saber reconhecer, para depois saber empregar, os diferentes mecanismos dessa forma de coesão.

Na análise que segue, utilizaremos ainda o conceito de campo lexical, cuja noção continua controversa entre os lingüistas (Coseriu, 1967; Geckeler, 1971; Peytard e Genouvrier, 1974; Picoche, 1977). Aqui, campo lexical será tomado como um conjunto de ULs, organizado em torno de um tema ou arquilexema, que representa o denominador semântico comum de todo o campo (Vigner, 1989). Esse conjunto de ULs é bastante complexo e apresenta, dentre diversas relações semânticas associativas (Boogards, 1994), as quatro relações descritas anteriormente.

Com base nesses pressupostos, apresentamos a seguir vários mecanismos de coesão lexical utilizados nos contos *Le Horla* e *O Horla*, procurando observar se ambos os textos apresentam a mesma riqueza e eficácia coesiva.

2. Análise da coesão lexical no original e na tradução

Maupassant (1903) inicia seu texto apresentando, pelo narrador, o cenário onde se darão os acontecimentos que quer nos contar. O tradutor, José Thomaz Brum, (Maupassant, 1986) segue-lhe os passos, encadeando as descrições como que se um fio fosse puxado de um novelo de lã.

As datas delimitam, na história contada em forma de um diário, cada metro a mais desse novelo, além de favorecer a verossimilhança dos fatos (o que também é favorecido pela narração em primeira pessoa).

Após precisar a data inicial - *8 de maio*, de manhã (localização temporal) - ele vai para casa onde mora (localização espacial). O tema da *casa* desenvolve-se por uma série de ULs que se articulam em uma rede de associações: *região, raízes, antepassados, hábitos, alimento, expressões locais, entonações dos camponeses, odores do solo, das aldeias e do próprio ar* (p. 65 de *O Horla*).

É de uma parte da casa, da *janela*, que o narrador admira sua terra. Em seguida enfoca especialmente alguns dos elementos de toda a região: o rio *Sena* e a cidade onde este nasce, Rouen. As associações com Rouen permite-nos ver seus *telhados, campanários* e *sinos* e, destes últimos, ouvir seu *zumbido de ferro* e *canto de bronze* (p. 65).

Ambos, escritor e tradutor, abandonam Rouen para registrar um acontecimento aparentemente desnecessário à história que irá se desenrolar: um navio brasileiro que passava e o prazer do narrador em vê-lo. O aparecimento desse navio, contudo, é preparado pela descrição do rio Sena - “coberto de barcos que passam”, ou seja, *escuna inglesa* e *galera brasileira* são hipônimos de barcos, assim como *navio* é empregado como sinônimo de *galera* (p. 66).

Após a introdução de todo esse cenário, uma segunda data apresenta um novo campo léxico: *febre, doente, triste* (p. 66). Esse inesperado “problema” se reforça com o uso de antônimos nada perfeitos: *desânimo* para *felicidade*, *confiança* para *angústia* (p. 66). Há, contudo, constante recorrência aos temas *casa-rio*.

O “problema” que é o centro de toda narrativa, vai tomando forma com o emprego de parassinônimos: *desgraça, mistério, Invisível, inexplicável, mal ainda desconhecido, ameaça terrível*, e aos poucos descarta a possibilidade de ser “algo” recebendo o nome genérico *alguém* (p. 68).

A figura da *noite* traz o *medo*, sendo que o *sono* tem como sinônimos *carrasco, abismo de água estagnada* e *pesadelo*. O campo léxico de *dormir* divide-se em *quarto* com *armários, camas* e *cobertas* e com o *sono* (p. 67).

A rede léxica de maior parte da trama contitui-se de recorrências a ULs apresentados anteriormente, como o estado de saúde do protagonista, sendo que sintomas da “doença” são constatados fisicamente, um médico intervém e um leve tratamento é prescrito (p. 67). Ainda na descrição desse estado, algumas sinonímias e parassinonímias acentuam a gravidade do quadro: “o brometo *não dá resultados*, as duchas *não adiantam nada*” (aqui o recurso em francês é a repetição: “le bromure *n’y fait rien*; les douches *n’y font rien*”) ou “tive um *arrepio*, não um *arrepio* de frio, mas um estranho *arrepio* de angústia” (p. 68) mesmo uma aparente progressão é tentada: *doença - viagem - regresso - cura*, mas sendo a aparente “cura” (tranquilidade) perturbada por uma lenda que *impressionou* o narrador (sobretudo contada em uma *morada gótica* - pano de fundo a cenários estranhos e misteriosos; p. 69), a progressão sugerida converte-se em círculo e o narrador novamente se vê frente a indagações que reforçam a idéia do *Invisível*: “será que *vemos* a centésima milésima parte do que existe?” (p. 70).

Então, de novo o tema da *noite* e dos *pesadelos* volta à cena, mas passa a se desenvolver com cada vez mais riqueza de detalhes (narrativas mais longas de fatos estranhos que se dão quando o narrador dorme). Então, subjacente a esse tema, um outro toma as atenções, o tema da *loucura*: “terei perdido a *razão*?”, “estou ficando *louco*” (p. 71), “decididamente estou *louco*” (p. 72) - nestes dois últimos exemplos verifica-se a reiteração da mesma UL. E a viagem novamente intervém como possibilidade de *cura*, de *equilíbrio* para o mal que o narrador sofria, talvez *sugestões*, mas com certeza seu “*pânico* beirava a *demência*” (p. 72).

O narrador faz ainda alusão à *solidão* como uma das causas de sua “loucura” (p. 72), ou seja, a loucura de acreditar em *mistérios terríveis* e *forças sobrenaturais* (p. 73), sobretudo porque “sofremos terrivelmente a influência do que nos cerca (p. 77). Entretanto, mesmo tendo procurando se afastar de qualquer influência sobrenatural, o narrador vê-se, frente a uma experiência de hipnose que também o perturba, em plena viagem pretendida como cura.

De volta à “cena do crime”, isto é, sua casa, as *alucinações* recomeçam, mas o narrador está cada vez mais convencido de que sua loucura se apoia, na verdade, numa real e inexplicável presença de um *ser invisível*, que mora com ele, sob o mesmo teto (p. 78). À sua aparente *demência*, então, é contraposta sua *lucidez* de análise dos fatos (p. 79).

Na tentativa de elucidar sua doença, lança mão de mais uma série de ULs: *perturbação, falha profunda, tecla paralisada, faculdade entorpecida* (p. 79).

Ainda outra vez, à “casa” se ligam expressões como *força oculta, visão fantástica* (p. 79), *fenômenos sobrenaturais, presença invisível* e constante (p. 80) e esta última começa a se apoderar da própria vontade do narrador, que, tentando resistir, *não conseguia* (no francês é empregado o verbo *pouvoir*) (p. 80).

Seu desespero torna-o, de repente, como acontece com a grande maioria dos mortais, religioso, e ele se serve de várias ULs relacionadas à súplica religiosa (*Deus!, livrai-me!, acudi-me!, perdão!, piedade!, misericórdia!, salvai-me!* - p. 81). Além disso, continua procurando entender o que se passa, daí ter recorrido a estudiosos em filosofia e teogonia, pesquisadores de *habitantes desconhecidos e seres invisíveis*.

O atormentado narrador não deixa, contudo, de ser razoável ao refletir que, em relação a muita coisa, somos *fracos, ignorantes, pequenos* (p. 82), ULs que se contrapõem plenamente à “força sobrenatural”.

Reforçando novamente a verossimilhança da história, o narrador relata uma notícia divulgada pela imprensa médica que tem a ver justamente com a galera brasileira que aparecera, meio sem porquê, no início da narrativa: tratava-se de uma *epidemia de loucura* (p. 83) e nessa ocasião, pela primeira vez, o “ser invisível” tem nome - o *Horla* (p. 84) - sugerido ao narrador pelo próprio.

No texto em francês, o homem, totalmente subjugado, é identificado como um nome genérico - *chose* - cuja força diminui, na tradução com a UL *objeto* (p. 84).

Em meio a mais algumas de suas divagações, o protagonista questiona a ordem natural das coisas e apresenta vários sinônimos para o corpo humano (*máquina animal, obra grosseira e delicada, esboço de ser que poderia tornar-se inteligente e soberbo* - p. 85).

Certo de que pode vencer o Horla, ele elabora um primeiro plano de ataque e aí encontramos ULs como *agarrar, estrangular, morder, dilacerar* (p. 86). Como o resultado foi contrário às suas perspectivas, pois uma espécie de bruma - que era o Horla - cobriu sua própria imagem no espelho, é acionado outro plano com *persianas e portas de ferro e cadeados* para o apanhar (p. 87) e com um incêndio calculado: o *óleo, o fogo, as chamas, o clarão, a fornalha*. A casa, agora, passa por sinônimos peculiares: *braseiro medonho, fogueira horrível e magnífica, fogueira monstruosa* (p. 88).

Resta, porém, apenas uma constatação depois desse segundo ataque: as mortes dos criados que ele esquecera na casa, isto é, a morte do que é conhecível, palpável, “desse mundo”, o que inclui o provável suicídio do próprio narrador, mas o Horla, a esse a morte lhe escapa. Daí a morte ter ligação com o natural e ser incompatível com o que parece ser “sobrenatural”.

Conclusão

Concluimos esse levantamento dos principais campos lexicais que desenvolveram redes de associações, considerando especialmente eficiente o domínio do autor de *Le Horla* e de seu tradutor no que diz respeito à sinonímia e parassinonímia e às ULs pertencentes por contigüidade a seus respectivos campos associativos. Foi marcante, portanto, o uso de co-referentes sem reiteração da mesma UL.

Como leitor, fica-se com a impressão de termos realmente acompanhado toda uma *evolução* da loucura (?) do protagonista. Toda UL é necessária ao texto, à trama, e tem a função de nos remeter a uma outra UL, e a outra, e a mais outra, num encadeamento não sem fim, mas de idas e voltas, um encadeamento de

progressões e retomadas. Em relação ao léxico, então, as escolhas lexicais utilizadas cumpriram sem ressalvas a sua missão de textualizar a seqüência dos enunciados de *Le Horla* e de *O Horla*. Dizendo de outro modo, ambos os textos são exemplarmente coesos do ponto de vista lexical.

Bibliografia

BOGAARDS, P. *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Paris: Didier, 1994.

BROWN, G., YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

COSERIU, E. *Teoria del lenguaje y linguística general*. Madrid: Gredos, 1967.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

GECKELER, H. *Semántica estrutural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1971.

GENOUVRIER, E., PEYTARD, J. *Lingüística e ensino de português*. Trad. de Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1974.

HALLIDAY, M. ; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.

MATEUS, M. et al. Mecanismos de estruturação textual. In: _____. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983. 7: 134-154.

MAUPASSANT, G. *Le Horla*. Paris: Ollendorff, 1903.

MAUPASSANT, G. *O Horla e outras histórias*. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1986.

NEIS, I. A. Por uma gramática textual. *Letras de Hoje*. 44:21-39, 1981.

PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan, 1977.

VAN DIJK, T. A. Questões de análise funcional do discurso. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 7: 182-203, 1992.

VIGNER, G. *Thèmes, champs lexicaux et activités discursives. Le français dans le monde*, Paris, 1989.